

Data: 09 de julho de 2014

Veículo/Caderno: O Tempo/Magazine Parte II

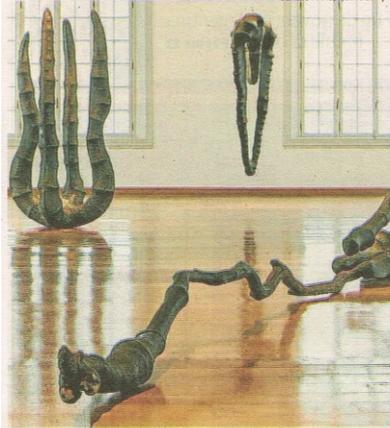
Tamanho: 37 cm x 2 colunas

2 M O TEMPO Belo Horizonte
QUARTA-FEIRA, 9 DE JULHO DE 2014

CONTINUAÇÃO DA CAPA

Exposição

SÉRGIO ARAÚJO/DIVULGAÇÃO



Apanhado da obra de artista se organiza de modo não-cronológico

Trajетória de 30 anos: a desordem e a síntese de Venosa

■ GUSTAVO ROCHA

O passado é feito de reminiscências e lembranças desfocadas na memória de cada um. O saudosismo costuma salvar seus melhores momentos e ignorar o que tenha ocorrido de ruim. O passado para quem produz trabalhos artísticos que resistem ao tempo, caso da escultura, no entanto, é bastante concreto, permanente.

Ao celebrar seus 30 anos de carreira, com uma exposição que traz trabalhos de vários períodos de sua vida (com diferentes materiais: alguns industriais, outros vindos da natureza, como dentes de animais), Angelo Venosa se debruça sobre seu passado e vê nele questões e princípios que ainda o norteiam e outros que não são tão prementes.

“Tem coisas que você olha e são trabalhos muito antigos e te dão prazer de olhar. Tem alguns trabalhos que permanecem no tempo. A experiência é fresca, quase como quando você fez aquilo; outras têm um certo cheirinho de mofo. É feito aquele seu amigo de ginásio que você não vê há muito tempo, o reencontra e é um choque, porque ele (e você!) se transformaram em pessoas tão diferentes e distantes, que é impossível pensar que vocês foram amigos um dia”, destaca ele.

Mas, então, quais os princípios, desejos, técnicas, que unem um trabalho artístico produzido ao longo de tantos anos? “O meu jeito de trabalhar desde o início tem duas coisas muito diferentes e talvez contraditórias que se manifestaram de modo diferente ao longo desse tempo todo: por um lado, há uma vontade de desordem, de deixar algo que não está claro se aflorar, quase um crescimento can-

cerígeno; por outro, há um pensamento limpo, de síntese. De uma maneira curiosa, elas convivem”, revela ele.

ESTILO. É comum, por vezes, esperar que artistas tragam dentre suas preferências estéticas e referências grandes mestres do segmento no qual ele se insere. O discurso, muitas vezes, chega a ser tão ou mais elaborado que sua própria produção. Ainda que os hyperlinks de Venosa remetam a outros artistas que o inspirem, há algo de singelo que também o atrai.

“Vejo que me alimento de coisas mais simples. Muitas que não são artísticas, inclusive. Se eu fosse olhar, avaliar meu trabalho e resumir a questão, eu diria que meu trabalho seria juntar alguma coisa da ordem do barroco e, ao mesmo tempo, uma capacidade de síntese de simplicidade, que flerta com o Amilcar (de Castro). Eu gosto dele, mas meu trabalho não tem nada a ver com o trabalho dele”, sintetiza Venosa.

Como “aquele” homem de Heráclito que se banha no rio – pela segunda vez, depois de algum tempo – e sabe que não é a mesma experiência, por não ser ele o mesmo homem e por não se tratar do mesmo rio, Venosa aponta algumas “evoluções” no seu modus operandi. Seja pelo uso de novos materiais, como a fibra de vidro, seja pela forma de produzir. “O computador virou uma ferramenta importante. Isso faz mudar muito a aparência das coisas, fica mais industrial, com menos contato das mãos. Mas mesmo mudando processos, materiais, tem uma coisa que é do mesmo lugar, talvez porque seja eu que ainda as faço”, conclui ele.